

“MULHER-SURDA-PROFESSORA”: PROTAGONISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO RIO GRANDE DO SUL

“Deaf-woman-teacher”: Protagonism in deaf education in Rio Grande do Sul



Ana Paula Gomes Lara¹



RESUMO

Nunca como no contemporâneo o protagonismo da mulher na área da educação esteve em ascendência. Daí resulta olhar para a “mulher-surda-professora”² presente em nossos tempos. A educação é um dos campos mais propícios para facilitar o protagonismo. E a mulher surda, nele, sente-se como sujeito diferente e útil. Com este artigo tencionamos citar a presença das “mulheres-surdas-professoras” e, com isso, apresentar suas contribuições à Pedagogia Surda³. Percebe-se a importância da presença dessas “mulheres-surdas-professoras” na transformação necessária que acontece visando os espaços da educação bilíngue.

Palavras-chave: “Mulher-surda-professora”; Protagonismo; Educação.

¹ Ex-professora na Escola de Surdos Frei Pacifico, em Porto Alegre, durante 10 anos e atualmente professora na Universidade Federal do Pampa - Campus Alegrete - UNIPAMPA. Autora de projeto de criação de classe Educação de Jovens e Adultos Surdos - EJA/Surdos em Alegrete e Doutoranda no programa de pós-graduação da UNIPAMPA - Campus Uruguaiana Lattes: <http://lattes.cnpq.br/065683136328365>.

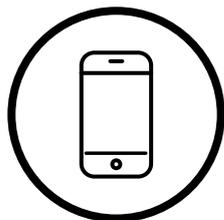
² Neste artigo utilizo a expressão “mulheres-surdas-professoras” entre aspas. Com isso quero indicar a existência dessa identidade. Indico, também, minha referência à identidade “mulher-surda-professora”, como múltipla, pois são várias e diferentes mulheres surdas e também várias e diferentes atitudes pedagógicas.

³ Mais adiante falamos sobre autoria e significado.

ABSTRACT

Never before has women's protagonism in the area of education been on the rise. This results in looking at the "deaf-woman-teacher" present in our times. Education is one of the most favorable fields to facilitate protagonism. And the deaf woman feels like a different and useful subject. With this article we intend to mention the presence of "deaf-women-teachers" and thus mention their contributions to Deaf Pedagogy. The importance of the presence of these "deaf-women-teachers" in the necessary transformation that takes place in the spaces of bilingual education can be seen.

Keywords: Deaf-woman-teacher; Protagonism; Education.



**LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O
QR CODE AO LADO OU O LINK**
<https://youtu.be/VvRieq9dcmQ>



Introdução

Tornou-se corrente citar o protagonismo da mulher na educação, em nossos tempos. Vale dizer que as mulheres somos a maioria nos espaços da educação. Muito foi falado sobre o diferencial homem-mulher. No entanto, não é este o meu interesse em citar esse contexto, mas trazer presente a identidade de "mulheres-surdas-professoras".

As "mulheres-surdas-professoras" que marcaram e continuam marcando sua presença na educação de surdos no RS entre o final e início do século merecem ser descritas. Daí o termo educação e protagonismo da mulher surda, no contemporâneo como "mulheres-surdas-professoras".

Que as mulheres surdas apresentam protagonismo no contemporâneo é um fato. No RS muitas delas cursaram ou cursam pedagogia e magistério, dessa forma, marcaram e marcam presença favorecendo as atuais mudanças na educação de surdos.

As perguntas visíveis são: Por que as "mulheres-surdas-professoras" se dedicam à educação? Que protagonismo exercem? Em que elas se apresentam ativas? Quais as causas disto? Que consequências acontecem? E na tentativa de responder a estas questões é que formulei este artigo. Dessa forma, meu objetivo se fixa em termos referentes ao que o campo da educação de surdos como campo de desenvolvimento cognitivo, pode ser influenciado pelas "mulheres-surdas-professoras". Ainda a pergunta: a maioria das mulheres surdas se sentem inspiradas diante das questões de educação, particularmente na Pedagogia Surda?

E eu, como autora surda, penso que para desenvolver estas questões o farei melhor se me conecto a alguns autores que as discutem, entre eles Hall (2003), Silva (2000), Perlin & Reis (2012), Lima (2018), que impulsionam os caminhos da reflexão sobre a pedagogia e sua performatividade e como podemos diferenciar a Pedagogia Surda. Neles constam elementos preponderantes, principalmente no que se refere à reflexão sobre os feitos das professoras surdas.

⁴ Sendo um dos 26 estados do Brasil, o Rio Grande do Sul tem como Capital Porto Alegre e se situa bem ao Sul do país, possui limite com o estado de Santa Catarina, o oceano Atlântico, a Argentina e o Uruguai.



Espero com isso, partilhar uma reflexão que, no mínimo, sirva a ações que pensem caminhos para fazer registro, sobre as “mulheres-surdas-professoras”, entender os espaços possíveis para o protagonismo da mulher surda na educação de surdos no RS. No momento não me compete falar sobre as mulheres surdas no restante do país, visto que a questão do corpus se torna exaustiva. No entanto, igualmente, penso na presença delas e em tudo o que elas despertaram nos surdos.

1 O corpus para o presente artigo

A temática envolve nós⁵, “mulheres-surdas-professoras” atuantes no Rio Grande do Sul. Para a construção do corpus com o fim de fazer um mapeamento sobre a presença e performatividade me servi de algumas perguntas feitas às “mulheres-surdas-professoras” por WhatsApp: Você atua ou atuou como professora? Você tem colegas professoras surdas? Cite o nome ou nomes? Tive o cuidado em registrar em caderno os nomes à medida que iam me colocando. Da coleta consegui construir o quadro das professoras surdas presentes no RS.

Então, através do WhatsApp, consegui fazer o quadro de presença delas que coloquei neste texto, e creio que consegui captar os nomes da maioria das “mulheres-surdas-professoras” do RS.

O uso de narrativas se torna hoje um dos métodos mais fáceis de observar os processos vividos, ou seja, as experiências e registrar a realidade. Para a coleta selecionei ou indaguei sobre professoras surdas dedicadas, ou mesmo que alguém da comunidade me indicou e novamente, por WhatsApp, remeti às escolhidas, questões como: Você atua como professora? Onde? Quais aspectos você acha que são mais eficientes no trabalho com alunos surdos? Como você se dedica à performatividade do aluno surdo ou a Pedagogia Surda? Das narrativas que captei através de vídeo do WhatsApp obtive referências sobre essas “mulheres-surdas-professoras”. Analisando as narrativas sobre como acontece a participação das “mulheres-surdas-professoras” na forma como me foi narrado, percebem-se aspectos sobre a Pedagogia Surda. Os achados pedagógicos que indicam e que contribuem para a educação de surdos são visíveis. Assim fiz o perfil de algumas “mulheres-surdas-professoras” que se dedicaram anos na luta por Educação de Surdos, motivando elementos que tornam presente a atual Pedagogia Surda.

Com as atuais chuvas e enchentes no RS, os contatos para a coleta de dados foram difíceis. Na nossa maior enchente, ter acesso com algumas das “mulheres-surdas-professoras” tornou-se uma luta. A preocupação e a angústia, as ocupações de solidariedade, o caos da internet, a falta de luz e água, muito atrapalharam não somente os contatos com as “mulheres-surdas-professoras” mas, também com minha tradutora. Daí trabalhei apenas com algumas “mulheres-surdas-professoras” indicadas ou não pelos locais onde há escolas de surdos. Afirmo que há ainda melhores professoras e o tempo ou outras pesquisas vão revelar o heroísmo de muitas delas em Pedagogia Surda.

⁵ A autora é surda e usar o “nós” equivale a dizer que também participa da questão.

2 As “mulheres-surdas-professoras” no contemporâneo

A pergunta é: como é possível que as mulheres surdas optem pela Educação dos Surdos no mundo contemporâneo? Isso é quase incompreensível visto que como em quase todas as épocas, o contemporâneo oferece poucas perspectivas às mulheres surdas.

Que a globalização das culturas promovida pela mídia desnorteia a cultura surda é um fato e isso não concorre para a valorização do surdo. A mulher surda é considerada inútil. O que vigora na globalização é o perfeito, o capaz, o que se sobressai. E muitos se aproveitam da situação para aparecer, nota-se a desvalorização da diferença que perpassa as diferentes etnias, comunidades linguísticas e raças.

Para as mulheres surdas isto tudo concorre para que transpareçam apenas competências pouco ordinárias, disfarces compreensíveis como o saber igualar-se aos ouvintes ou recorrer aos espaços disponíveis para chamar atenção. Isto também concorre para que a mulher surda se sinta perdida, desvalorizada de si mesma, busque compensar, ou se feche numa sensação de inutilidade, ou tente aparências evadindo-se em questões que mais as alienam de si mesmas. Também há consequências de algumas mulheres surdas perdidas ao relento, sem compreender sua identidade, e que buscam uma representação catastrófica de si mesmas.

Perlin e Reis em seu artigo chamam a atenção para as consequências do presente:

[...] o mal de hoje é a dominação, a governamentalidade que transformam os surdos a serem sujeitos-objetos da ação dos ouvintes. O mal de hoje é os muitos espaços de assujeitamento a normas desconhecedores da diferença de ser surdo (PERLIN & REIS 2012, p.30).

E quero trazer um fato. Nem tudo é uma vida de estrelas. A “mulher-surda-professora” foi e em alguns lugares continua sendo muitas vezes, em escolas de surdos, contratada como instrutora. Ela é considerada inferior, subalternizada, “deficencizada”, e quando muito olhada como incapaz, auxiliar, monitora. Isso indica que nossa identidade de “mulher-surda-professora” tem sido historicamente desautorizada e silenciada no sentido epistêmico.

A flexibilidade do ser mulher surda e desenvolver o protagonismo no contemporâneo se torna líquida, própria dos contextos construídos e desconstruídos por nós e por uma força totêmica⁶, ou seja, nossa alteridade⁷ ou o ser surda.

3 Nos assumirmos como mulheres surdas: um desafio

Nós, mulheres surdas, não podemos nos deixar levar pelo deficiente, anormal, incapaz e outros rótulos que nos propõem. Tal concepção nos leva ao desastre. Precisamos, sim, nos assumir como consumidoras⁸ de cultura surda, usar a língua de sinais, nos referindo

⁶ Alguns escritores antropológicos ou de economia citam o totêmico e o descrevem como sendo elemento natural ao ser humano, mas não é o sujeito em si. Representa aqui o natural que agencia, identifica e une ao natural. Assim, as forças de atração surdo-surdo podem se constituir em forças do “organizador totêmico”, um agenciador simbólico. Desta forma, como usuários da visão, vamos constituindo grupos, associações, organizações, comunidades. E vamos constituindo os signos captados pela visão (Libras, Pedagogia...) e o mais importante é que nos constituímos em excelentes leitores, de acordo com Lennard J. Davis, professor na Binghamton University of New York, no ano de 1996.

⁷ O surdo não é o ouvinte, ele tem outro jeito de ser. Não tem as mesmas competências para certas regras sociais

⁸ Usamos Língua de Sinais, Intérpretes, Comunicação Visual.

como surdas, como sendo o que somos, como identidade e como cultura, do mesmo modo que outros grupos⁹ que se assumem: negros, indígenas, ciganos, judeus, feministas e LGBT, comunidades de estrangeiros: japoneses, italianos, cubanos, etc. A alteridade surda transforma em nós, mulheres surdas, o inútil em útil. Ela é um imã a nos unir como povo surdo. Nossa sobrevivência como mulheres surdas é garantida quando nos reportarmos como diferentes. É sob o signo da diferença, que agimos nas tramas sociais e dessa forma nos movimentamos também nos espaços da educação.

A entrada na graduação e na pós-graduação de mulheres surdas marca época no contemporâneo do mesmo modo que as mulheres ouvintes, como esclarece Silva:

As últimas décadas testemunharam consideráveis avanços no que diz respeito à inserção e à participação das mulheres no campo científico. Atualmente, é possível perceber o número significativo de mulheres em muitas universidades do país como docentes e pesquisadoras, como estudantes de graduação e pós-graduação, no entanto, apesar do crescimento significativo da presença feminina na ciência[...] (Silva, 2012, p.55-56).

Como acontece com as mulheres ouvintes, hoje temos também as “mulheres-surdas-intelectuais-orgânicas”¹⁰, mesmo que poucas. Entendo como intelectuais orgânicas as mulheres surdas que conseguem perceber o jeito surdo de ser, de viver, de aprender e com isso concorrem para quebrar as regras sociais que dificultam a vida ao surdo no mundo contemporâneo.

São descobertas, atos, gestos e realizações que as mulheres surdas fazem diariamente, ou seja no dizer de Butler: “[...] são performativos no sentido de que a essência ou a identidade que pretendem afirmar são invenções fabricadas e preservadas mediante signos corpóreos e outros meios discursivos”. (Butler, 2007, p. 266)

A presença de um bom número de “mulheres-surdas-professoras” nos campos de educação de surdos concorreu e concorre para que seja visível a Pedagogia Surda no RS, bem como a educação bilíngue.

Sinto-me no dever de sinalizar aqui sobre o que entendo por Pedagogia Surda, tal qual Lima refere:

[...] a proposta de Educação de ensino bilíngue, denominada em outras palavras por alguns pesquisadores como a ‘Pedagogia Surda’ é a que mais correlaciona com a visão de Educação dos e para os Surdos nesta Tese, que são constituídas numa percepção interligada com a Política Educacional e a Política Linguística. (Lima, 2018 p.30) E concluo com as palavras de Silva: (2000, p.29) “é o jeito de ensinar” e que consigo vislumbrar como sendo: o jeito de ensinar e do surdo aprender.

Esta é a Pedagogia Surda que acontece na escola bilíngue. Assim sendo, quero completar com Skliar (1998) que definiu os diferentes métodos de educação de surdos e mostrou que

⁹ Não nos referimos aqui a minorias. É difícil referir-se a minorias sem globalizar. Quando falamos disso há globalização. A humanidade é líquida como a denomina Bauman (2001).

¹⁰ Parafrazeando Hall (2003, p. 5): este intelectual é comprometido com mudanças sociais. Sabe mais do que o intelectual tradicional, está à frente do trabalho teórico intelectual e, ao mesmo tempo, repassa seu saber para fora da academia. Os intelectuais tradicionais se colocam ao lado do conhecimento e interesses sociais já estabelecidos. Os intelectuais orgânicos são comprometidos com mudanças sociais e econômicas.

eles não contêm a Pedagogia Surda. Se pensarmos os diferentes métodos: o oralismo, a comunicação total ou o bilinguismo notamos que limitam as aprendizagens surdas. Prova disso são os inúmeros surdos que abandonaram as escolas ou que sentem falhas em sua educação.

Daí é muito fácil compreender o conceito de Educação Bilíngue: ela contém a Pedagogia Surda e essa pedagogia sinaliza o jeito surdo de aprender pela visão, ou seja, o ensino em Libras¹¹.

Pensando nossas “mulheres-surdas-professoras” que se dedicaram a praticar a Pedagogia Surda no espaço das escolas. Se algumas delas é levada a fazer diferente, pode ser um fato.

4 A violência linguística à “mulher-surda-professora”

Sentimos presente, nos campos da educação, na forma como se apresenta atualmente, a violência linguística que muito atrapalha nossos passos pedagógicos como “mulheres-surdas-professoras” .

A mais difícil é a obrigação do uso do português na sala de aula e as “mulheres-surdas-professoras” não têm memória¹² de Português. O Português é sempre uma segunda língua. Daí o uso de Libras como primeira língua, ou seja, o uso da experiência visual e não da audição na Pedagogia Surda. Somente algumas poucas mulheres surdas são alfabetizadas sabem ler em português nem tanto razoável, mas conseguem se fazer entender com textos às vezes curtos. Em minhas relações com as “mulheres-surdas-professoras” entendo que a maioria empreende um intenso trabalho com a procura no dicionário, google Youtube ou procura apoio da família, de amigos ou intérpretes. Dessa forma, conseguem se sair razoavelmente bem.

Em educação, falta intérprete para nos comunicarmos com a direção e demais setores. Nas universidades, essa falta é constante, bem como nas escolas e nos obriga, como “mulheres-surdas-professoras” a improvisar.

Na universidade tudo é comunicado em português: avisos, reuniões, editais, portarias, avaliações dos alunos, dissertações e teses em português, relações entre professores sentimos a pressão da necessidade de comunicação e consequente violência.

Falta, em educação, em algumas escolas ou EJA/Surdos, um currículo específico para a criança surda e alunos, informações sobre a cultura surda: identidade, signwriting (SW), Ensino em Libras, Pedagogia Surda.

Sobre a violência com a falta de tecnologia para as “mulheres-surdas-professoras” por exemplo uma tecnologia que facilite o ensino com plataforma visual na sala de aula, quadro de avisos visuais, a segurança de incêndio e outros perigos, os sinais visuais no elevador entre outros.

Difícil encontrar apoio de Secretarias para esse ensino bilíngue. No Brasil tudo visa à inclusão no ensino regular, lugar onde muitas “mulheres-surdas-professoras” trabalham nos AEE com o trabalho de transformar em ensino visual o que a professora ensinou de forma

¹¹ A experiência de aprender pela visão, como já falei antes.

¹² É muito difícil o surdo conseguir explicar por meio de palavras da língua portuguesa, pois o jeito de captar surdo é aquele explicado através do uso da experiência visual. A memória visual e a memória auditiva são completamente diferentes.



oral.

Dá para perceber essa violência linguística? Penso que sim. Muita coisa fica por citar e que acontece no dia-a-dia das “mulheres-surdas-professoras”. Na verdade, como tenho percebido nas narrativas, o nosso esforço é imenso para conseguirmos acompanhar com menos nervosismo essas jornadas de trabalho em educação.

5 As “Mulheres-surdas-professoras” e a performatividade no RS

Pretendo trazer aqui alguns espaços de formação das “mulheres-surdas-professoras” que estão disponíveis em algumas universidades e centros. Então no RS temos: a Universidade de Caxias do Sul - UCS, a Universidade La-Salle - Unilasalle, a Universidade de Passo Fundo - UPF, a Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, a Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, a Universidade Luterana do Brasil - ULBRA, a Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFFRS, a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRs, e a Universidade Federal do Rio Grande - FURG dentre as muitas.

Destaco também alguns dos municípios do RS onde as “mulheres-surdas-professoras” atuaram ou atuam: Alegrete, Bagé, Canoas, Capão da Canoa, Caxias do Sul, Esteio, Erechim, Gravataí, Novo Hamburgo, Osório, Passo Fundo, Pelotas, Porto Alegre, Santa Maria, Santa Rosa, Santana do Livramento, São Leopoldo, Tramandaí, Uruguaiana entre os muitos.

Entre as “mulheres-surdas-professoras” gaúchas temos aquelas que se formaram e as atuantes. Ressaltamos que é possível que nem todas atuem. Na minha pesquisa, consegui captar 76 “mulheres-surdas-professoras”. Impossível separar por categorias. Vou colocar em ordem alfabética. Eis:

Agatha Krusler, Aline Kaster, Aline Brancalione, Ana Claudia Antunes, Ana Luiza Caldas, Ana Paula Lara, Ana Paula Moreira, Andréa Figueiredo, Angelisa Goebel, Bianca Peter, Bianca Pontin, Bruna Antunes, Bruna Branco, Camila Freitas, Camila Guerra, Carilissa Dall Alba, Carine Diesel, Carla Klein, Carolina Hessel Silveira, Carolina Miri, Carolina Sperb, Caroline Garcia, Claudia Fialho, Claudia Sarturi, Cristiane Muller, Cristiane Voltz, Cassia Garcia, Cassia Marins, Cassia Virginio, Denise Kras, Eneida Machado, Elisabete de Castro, Erika Silva, Fabiana Manoel, Fernanda Magnus, Franciele de Camargo, Francielle Martins, Gisele Rangel, Gladis Perlin, Glaucia Assis, Helenne Sanderson, Ivana Silva, Janaina Claudio, Jaqueline Boldo, Jaqueline Zanchin, Juliana Emmert, Juliana Reinheimer, Keli Krause, Leticia Soares, Lis Alves, Luciana Vaz, Lisandra Casa Nova, Lucila Vales, Margarete Cardoso, Márcia Carpeggiani, Marianne Stumpf, Marisol Santos, Monique Reveilleau, Maria Luiza Melo, Marceli Romeu, Micheli Pron da Silva, Mariazinha Penna (in memorian), Natacha Perazzolo, Patricia Rodrigues, Paula Cavalheiro, Renata Heinzelmann, Rejane de Castro, Rejane Holz, Roselena Mazzoco, Sandra Todesco, Sonia Messerschmidt, Simone Fontoura, Simone Haack, Tatiane de Souza, Tatiane Berté, Valeria Scangarelli.

Todas são “mulheres-surdas-professoras” que atuam no RS. Se esqueci algumas peço que considerem e seria oportuno me notificarem para incluir no rol. Existem também outras



“mulheres-surdas-professoras” gaúchas que atuam em outros Estados que não o RS.

6 MULHERES surdas e a revolução na educação de surdos

Intencionalmente, neste espaço, quis trazer uma pequena seleção onde consta o perfil de algumas “mulheres-surdas-professoras” gaúchas que são protagonistas em Pedagogia Surda, atuantes na educação de surdos e que têm seus nomes citados nas comunidades onde atuaram e ainda atuam.

Reafirmo que essas são apenas algumas delas. Pode haver ainda mais e melhores, no entanto o tempo e a distância e com as chuvas gaúchas, na nossa maior enchente gerando angústias e preocupações, caos com a internet, luz e as relações entre mim e minha tradutora, não me será possível fazê-lo por completo e nem visitá-las, a não ser por rápidas entrevistas. Torcendo que alguém, em algum tempo, faça um perfil mais completo.



Carolina Hessel

Protagonista de uma história de dedicação à criação de material didático, tem doutorado em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, onde, atualmente, também é Professora. Sua pesquisa acadêmica tem versado em estudos sobre o currículo, a contação de história e a literatura surda. É gaúcha, de Porto Alegre, e tem na família uma geração de professores. Como “mulher-surda-professora” tem se dedicado ao ensino de surdos em algumas escolas de surdos da Capital e interior. Sua dedicação e preocupação com as crianças surdas fez com que publicasse vários contos vídeos no You tube em canal de sua autoria, sobre: contação de história para as crianças surdas cujo link intitula: “Mãos Aventureiras”.



Claudia Maguns Fialho

Cláudia é surda, gaúcha e atualmente vice-diretora da Escola Estadual Lilia Mazon em Porto Alegre. Ela diz: “Fiz teste de trabalho como voluntária auxiliar com crianças surdas no Concórdia, pois tinha me formado no segundo grau e queria trabalhar. Optei por ensinar Libras, e notei a empatia grande que acontecia com as crianças surdas. Na época que iniciei não tinha informação para surdos trabalhar crianças surdas. Observei e descobri que estavam interagindo bem e aprendendo. Dai queria ser professora para crianças surdas. A supervisora me indicou fazer o curso de Pedagogia. Formei-me na Ulbra no ano e também no curso de Letras/Libras. Com o curso de pedagogia consegui trabalhar melhor com as crianças surdas, suas disciplinas. Daí criei uma metodologia própria de trabalho diferente da que os professores ouvintes usavam e sempre foi um show, pois as crianças estavam aprendendo maravilhosamente”



Gladis Perlin

Mestre, Doutora e Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ela foi uma das primeiras professoras surdas do RS, em uma escola de surdos. De sua experiência narra: “Me deram uma turma de quarta série. Já eram surdos entre 11 e 30 anos, constavam de 11 alunos e era uma das mais difíceis turmas, pois estavam sempre repetindo a série. Com meu esforço em traduzir todos os conteúdos para Libras e usar português como língua de aprendizagem, os surdos conseguiram passar todos para a quinta série. Trabalhei apenas 3 anos nessa escola e posso dizer que me senti bem em vista da aprendizagem de meus alunos. As exigências da escola com o português eram chatas demais. Depois fui trabalhar na pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, na com mestres e doutores surdos, tudo sinalizado e sem registros. Se foi bom para os mestres e doutores surdos, estes que o digam. Quanto a mim acredito no potencial do uso da Libras em Pedagogia Surda”. Gladis também publicou sobre a Pedagogia Surda, sendo uma referência nesta pesquisa.



Ivana Silva

Nascida no interior de Pelotas, se formou em Pedagogia em 2003. Tem Mestrado pelo IFSul - Câmpus Visconde da Graça. Sobre a pergunta “Porque escolheu a Educação?”, enviou a seguinte resposta: “escolhi a Educação, porque acho-a importante; é uma profissão com prática social”. Ivana trabalhou em Escolas EJA/Surdos. Atualmente é Professora concursada, desde 2010 na Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Sobre sua prática pedagógica com os surdos ela fala: “Percebi a diferença entre alunos surdos e ouvintes. O contato com surdo é importante e dá para perceber que desenvolvemos a subjetividade juntos. Sobre a metodologia bilíngue ela é importante, pois usa Libras como língua de ensino e o português como segunda língua. Libras é mais para a comunicação surdo-surdo, mas também surdo-ouvinte. É muito importante o uso da comunicação visual. A prática pedagógica precisa ser toda visual. Trabalhei essa pedagogia nos grupos EJA/Surdos, em salas emprestadas de escolas de Pelotas”.



Juliane Emmert

Formada em Pedagogia na área da Educação. Nasceu na cidade gaúcha de Frederico Westphalen. Juliane teve indicação da comunidade escolar, por isso está aqui. Atualmente mora em Canoas, a distância de 18 km da capital. Antes não era formada, mas tinha experiência como professora surda. Ela diz: “Observava e queria ser professora para crianças surdas. Me senti em interação como profissional com as crianças surdas. Na Pedagogia Surda, o mais importante é a enfatização de nosso ser surdos, ou seja, a experiência transmitida ao surdo no ensino. Isso desperta em nós a empatia referente ao futuro dos surdos. Notei que as crianças ficaram admiradas de que os surdos podem ser professores surdos, pois na escola a maioria é professor ouvinte. Percebi que as crianças surdas adoram aprender em Libras. Já tenho 20 anos de trabalho e acho a minha experiência maravilhosa”.



Marianne Stumpf

Doutora em informática pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Possui dois pós-doutorados: um deles pela Universidade Católica Portuguesa, em Portugal, e outro pela Universidade de Hamburg, na Alemanha. Nascida no Chile, mas radicalizada gaúcha, Stumpf sempre batalhou pela educação de surdos. Juntamente com Dra. Gisele Rangel ela publicou um dos primeiros artigos sobre a Pedagogia Surda. Atuou como professora em várias escolas de surdos do RS. Pesquisadora sobre a Escrita da Libras - SignWriting, com aplicação às escolas de surdos onde comprovou que a Educação Bilíngue é essencial para as crianças surdas. Atualmente, é professora do ensino superior na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, sendo que atua na graduação e pós-graduação como orientadora de mestrandos e doutorandos surdos.



Monique Reveilleau

A professora é surda gaúcha, formada em Pedagogia e tem Mestrado (2022) em Letras, concluído na Universidade de Passo Fundo. Atualmente faz uma segunda graduação em Letras/Libras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste. Foi indicada pela comunidade da região de Passo Fundo, pois é uma das mais ativas e trabalha há 14 anos com classes de surdo no município. Com sua família, lutou todo esse tempo para a construção de uma escola bilíngue, pois considera como direito à educação de surdos na região. Indagada sobre os passos da pedagogia surda, Reveilleau propõe como mais importante: o uso da Libras para os conteúdos do Currículo, a interação pessoal com o aluno sobre os conteúdos, o material visual e a presença constante e solidária junto ao aluno surdo que vem à escola muitas vezes sem receber na família sua cota de educação, o que ultrapassa as disciplinas curriculares.



Paula Cavalheiro

Natural de Tupanciretã, cidade da região do planalto do RS, distante 389 km da capital gaúcha, Paula é Mestre pela Universidade Federal do Pampa. Foi indicada pela comunidade escolar onde atuou; Paula é surda e seu pai e uma tia são irmãos surdos. Estudou em curso de Magistério (metodologia didática) e se formou no ano de 2008. Paula narra: “Ansiava trabalhar como professora de surdos, e fui chamada na Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Coser, a escola de surdos de Santa Maria que possui Educação Bilíngue. Trabalhei nessa escola por 7 anos nas séries iniciais, no EJA/Surdos e no ensino médio. De minha parte, amo trabalhar com crianças surdas. Neste trabalho, me identifico em minha identidade, o contato surdo-surdo e o trabalho com o outro igual. O ensinar, o tecer o perfil da Pedagogia Surda com o jeito surdo de aprender com o uso da Língua de Sinais. Trabalhei também na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM de 2016 a 2018. Mais tarde, fiz concurso para a Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, na cidade de Dom Pedrito como professora de Libras”.

Conclusão

Ao usar as afirmativas constantes neste texto, percebo que discutir e problematizar as questões que acompanham as “mulheres-surdas-professoras” no seu dia a dia se torna necessário. Afinal não somos mulheres deficientes como nos rotulam. Somos mulheres surdas, profissionais.

Dói muito perceber que as famílias encaminham meninas surdas para o implante, ou as relegam como objeto de vergonha, como incapazes e não lhes comunicam sobre inúmeras informações essenciais e necessárias para a vida, não as encaminham para a vida profissional e acadêmica. Recentemente tivemos o noticiário sobre a mulher surda Sonia, esse é um dos casos dramáticos de trato com as mulheres surdas.

Percebo que todas as “mulheres-surdas-professoras” que citei em destaque possuem diferentes práticas pedagógicas, todas elas voltadas para a identidade surda. Elas revolucionaram o currículo e também são e foram criadoras da Pedagogia Surda.

É importante ter consciência e respeitar o valor de ser “mulher-surda-professora”. Nós, mulheres surdas, não podemos nos deixar levar pelo deficiente, anormal, incapaz. Temos que romper com os rótulos que nos deram. Temos que vencer ao que nos leva a nos sentir inferiores. Precisamos, sim, assumir nossos espaços, sermos consumidoras da cultura surda, usar a Libras com nossos alunos surdos, nos referindo como surdas, como sendo o que somos, como identidade e como cultura, do mesmo modo que outros grupos: negros, indígenas, ciganos, judeus, feministas e LGBT, comunidades de estrangeiros (japoneses, italianos, cubanos, etc). Isso nos transforma, nos valoriza.

Nossas “mulheres-surdas-professoras” que conseguiram direito de escolha e estudar na graduação e na pós-graduação são mulheres surdas e marcam época no contemporâneo do mesmo modo que as mulheres ouvintes. Elas entendem que não é para serem donas de casa, cuidar dos filhos, ter salário inferior, ser subalterna dos homens, viver na violência linguística, ser passada para trás na família, deixar o audismo como está.

Como Judith Butler, concluo finalmente que nós, “mulheres-surdas-professoras”, importamos em Educação Bilíngue de Surdos. E possivelmente detemos conosco os passos da Pedagogia Surda, necessários para a aprendizagem dos alunos surdos na construção da identidade e da subjetividade. De nossa parte, parece que “mulheres-surdas-professoras” falam como aquela pensadora negra: Sojourner Truth: “Não estou indo embora. Vou ficar aqui

e resistir ao fogo”. O que nos anima é que essas experiências de resistência das “mulheres-surdas-professoras”, na construção da Pedagogia Surda, são resistências em construções pedagógicas que continuam permanentes, sem depender de outras pedagogias.

Referências

- BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Tradução Plínio Dentzien - Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BUTLER, J. Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- HALL, Stuart. A questão multicultural. In: Da diáspora: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- LENNARD J. Davis. The politics of deafness, Washington, DC: Gallaudet University Press, 1996.
- LIMA, M. Política Educacional e Política Linguística na Educação dos e para os surdos. Tese de Doutorado UFU, Uberlândia, 2018.
- PERLIN, G.; REIS, F. Surdos: cultura e transformação contemporânea. In: PERLIN, G.; STUMPF, M. (Orgs.). Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. Ed. Curitiba, PR: CRV, 2012.
- SKLIAR, C. Una mirada critica sobre la educacion bilingue para sordos. Politica de las identidades sordas e multiculturalismo. I Congreso Ibero-Americano, Lisboa, Portugal, julho de 1998.
- SILVA, F. Mulheres na ciência: vozes, tempos, lugares e trajetórias. Rio Grande: FURG, 2012. 147f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.
- SILVA, Tomaz. Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

